

A Unidade de Cuidados Intensivos Neonatais do Hospital de Dona Estefânia. Contributo para a História da Perinatologia em Portugal

Maria Teresa Neto, Micaela Serelha, João M. Videira Amaral

A inicialmente designada Unidade de Recém-Nascidos de Alto Risco (URNAR), era a Unidade de Cuidados Intensivos Neonatais (UCIN) do Hospital de Dona Estefânia (HDE), um dos seis hospitais do grupo Hospitais Civis de Lisboa (HCL). Foi inaugurada a 23 de Abril de 1983 após os esforços conjuntos dos fundadores, Nuno Cordeiro Ferreira e João M. Videira Amaral. As obras para a sua instalação e a aquisição de parte do equipamento - incubadoras, berços e bombas de perfusão - foram da responsabilidade da administração dos Hospitais Civis de Lisboa; ventiladores e monitores foram oferecidos pela Fundação Calouste Gulbenkian quando era Presidente da Fundação José de Azeredo Perdigão.

Com lotação inicial de 15 postos, estes compreendiam 6 postos de cuidados intensivos propriamente ditos, 5 de cuidados intermédios e 4 de cuidados mínimos. Emergia assim uma unidade moderna e bem equipada numa época em que os cuidados intensivos no HDE (e em Portugal) eram considerados ficção.

Os pediatras *senior* que a inauguraram, responsáveis pelo treino de toda a equipa de neonatologia daí em diante, tinham feito a sua formação no Reino Unido e no *Servicio de Neonatologia da Ciudad Sanitaria/Hospital La Paz* em Madrid. Em 1969, o HDE tornara-se no primeiro hospital materno infantil do País depois de receber no seu *Campus* a Maternidade Magalhães Coutinho. Os primórdios desta maternidade remontam a 1902, à Enfermaria de Santa Bárbara, no último andar do Hospital de S. José, onde o Prof. Costa-Sacadura tinha estabelecido a primeira consulta pré-natal em Portugal. A Enfermaria de Magalhães Coutinho seria aberta em 1927 e, em 1931, seria inaugurada a Maternidade Magalhães Coutinho (MMC) com lotação de 143 camas. No Hospital de Dona Estefânia, antes da abertura da UCIN, a MMC era uma maternidade de média dimensão, chegando aos 4.300 partos em 1980. Os

recém-nascidos doentes que necessitavam tratamento mais diferenciado eram admitidos na Unidade de Recém-Nascidos (URN), na realidade a Unidade de Cuidados Intermédios da Maternidade. Este espaço, destinado apenas a doentes nascidos na MMC, estava munido de oxigénio e vácuo e equipado com 6 incubadoras e 12 berços, monitores de apneia, algumas bombas de perfusão, oxímetros, campânulas e um ventilador primitivo da marca Bird.

Em 1980 a taxa de recém-nascidos (RN) de muito baixo peso (inferior a 1.500 g) rondava os 1% dos nados-vivos e a taxa de prematuridade os 7%. Sobreviver com 1.000g era uma raridade; com 1.500g talvez, se houvesse restrição de crescimento fetal e a maturidade fosse desproporcionalmente superior ao peso. A prematuridade iatrogénica causada por tentativa de aborto era elevada assim como as anomalias congénitas, a oftalmia gonocócica, as infecções bacterianas perinatais e a sífilis congénita. Em 1987 a taxa de gestações sem vigilância médica era 9%, o VDRL era reactivo em 1,7% das puérperas e 0,7% eram toxicodependentes. A abertura da UCIN veio trazer um entusiasmo renovado e grande esperança na redução dos índices de mortalidade da maternidade. Na realidade, de 1983 a 1995 (a MMC seria encerrada em Junho de 1996) as taxas de mortalidade perinatal (englobando fetos mortos com peso de nascimento superior a 1.000 gramas), fetal tardia e neonatal precoce desceram respectivamente de 25,2 por mil nados vivos (NV) para 9,7; de 12/1000 NV para 8,6 e de 10,6/1000 NV para 1,03.

Contudo, o entusiasmo dos profissionais não tinha eco nos elementos da administração hospitalar. Por isso, apesar das características que permitiam a prática do intensivismo neonatal e do prestígio que trazia à instituição, a unidade funcionou sem equipa de urgência interna residente e autónoma entre Abril de 1983 e Março de 1987. A assistência fora do horário normal da equipa médica da UCIN era prestada por médicos estranhos à Unidade - elemento da equipa de urgência pediátrica com experiência em reanimação neonatal, deslocado por chamada. Foi por um subterfúgio da Ministra da Saúde, Leonor Beleza, que foi possível criar a equipa que permitiu assegurar urgência de 24h na UCIN. Com efeito, por despacho de 4 de Fevereiro de 1987, invocando “Urgente Conveniência de Serviço”, foram destacados para os Hospitais Cívicos de Lisboa, Hospital de Dona Estefânia, os pediatras admitidos por concurso em unidades

de saúde da ARS de Lisboa, nomeadamente no Hospital Júlio de Matos. Contudo, o Quadro Médico de Neonatologia do Hospital de Dona Estefânia, constituído inicialmente por 10 vagas de Assistente Hospitalar (posteriormente 13) e 1 de Chefe de Serviço seria aprovado apenas em 1991.

Inserida num grande hospital pediátrico com importante área cirúrgica, a UCIN foi sendo moldada pela patologia que recebia. Tornou-se a unidade de referência para patologia cirúrgica neonatal da Área da Grande Lisboa e Sul do País. A maternidade, por seu lado, correspondeu, tornando-se num centro de referência de diagnóstico pré-natal. A complementaridade era tal que a taxa de recém-nascidos tratados na UCIN nascidos na maternidade chegou a ser superior a 60% quando, admitindo doentes do exterior, era suposto que tal percentagem nunca fosse atingida. Na realidade, a norma emanada pela 1ª Comissão de Saúde da Mulher e da Criança, determinando que os RN deviam nascer no local onde iam ser tratados, era aqui cumprida quase na íntegra.

A mortalidade na UCIN era muito elevada nos seus primórdios – em 1984 e 1985 aproximava-se dos 25% para a população de doentes em geral e dos 50% para a população de RN de muito baixo peso (PN <1500g). As principais causas de morte eram as infeções – de origem materna, sobretudo causadas por *Enterobacteriaceas* - ou adquiridas na Unidade, e as anomalias congénitas. Morria-se ainda de doença de membranas hialinas. A Maternidade teve várias vicissitudes. Em 1996 a Ministra da Saúde, Maria de Belém Roseira, determinou que fosse encerrada. Foi um encerramento compulsivo, a pedido do Conselho de Administração, alegando que a precariedade das instalações já não permitia servir os fins a que eram destinadas. Não se procurou, na altura, alternativa ao encerramento porque se admitiu que, uma vez encerrada, nunca mais seria aberta. Na altura tinha entrado em funcionamento o novo Hospital Fernando Fonseca o qual, tendo agregado pediatras e obstetras do Hospital de Dona Estefânia, passou igualmente a dar assistência a grávidas com residência correspondente ao código postal 1700 - Amadora. Esta evolução ocorre numa época em que as outras maternidades de Lisboa viam no encerramento de uma congénere a possibilidade de aumentar o número de partos, incrementando assim a sua importância relativa. E muito se escreveu para que a maternidade não reabrisse.

Contudo, a Maternidade Magalhães Coutinho no HDE era a Maternidade dos Hospitais Cívicos de Lisboa e, a manter-se encerrada, o grupo hospitalar deixava de contar com a valência materno infantil. Os anos seguintes foram de grandes controvérsias, por vezes interpretadas como rivalidades e, em Abril de 2001, reabriu a maternidade no HDE, instalada num edifício do início do séc. XX (designado Edifício Dom Pedro V) no *Campus* do HDE, totalmente reconstruído para o efeito. A nova maternidade tinha instalações condignas permitindo a prática dos modernos procedimentos perinatais, permitindo a presença do pai durante todo o processo de nascimento do filho, o cônjuge deixou de ser visita para ser acompanhante, as condições de hotelaria eram muito boas e o equipamento de ponta. Perdeu o nome de Magalhães Coutinho para se tornar na Maternidade do Hospital de Dona Estefânia. Mas, em 2012, com a integração da Maternidade Dr. Alfredo da Costa (MAC) no Centro Hospitalar de Lisboa Central (criado em 2007), a Maternidade do HDE foi definitivamente encerrada. A UCIN aproveitou o tempo das obras da maternidade, inovou as instalações e o equipamento e aumentou a capacidade de cuidados intensivos.

Em Março de 2001 reabriu, inicialmente com 8 camas, que foram aumentando progressivamente de acordo com as necessidades, chegando aos 18 postos dos quais 8 de cuidados intensivos. No início de 2013, foi novamente sujeita a obras de manutenção e modernização tendo reaberto com um total de 17 postos de cuidados intensivos em Abril desse ano. O objectivo era que todos os postos de cuidados intensivos neonatais necessários no Centro Hospitalar e Universitário de Lisboa (CHULC) ficassem disponíveis no HDE, antecipando o previsto encerramento da MAC. Não se tendo verificado esse desfecho, os 17 postos de cuidados intensivos nunca foram utilizados na totalidade. A UCIN ficou a funcionar com 12 postos - 8 de cuidados intensivos e 4 de cuidados intermédios - posteriormente reduzidos para 10, dos quais 6 de cuidados intensivos, por falta de enfermeiros/as. Desde a integração da MAC no CHULC, este passou a dispor de duas UCIN: uma localizada na Maternidade Dr. Alfredo da Costa, destinada fundamentalmente à perinatologia - assistência intensiva a situações de prematuridade extrema - e, outra, localizada no hospital pediátrico, Hospital Dona Estefânia, dedicada ao intensivismo neonatal, com diferenciação médico-cirúrgica e apoio multidisciplinar, garantindo a continuação de cuidados em

hospital pediátrico. Estas foram as características imprimidas desde o seu início e condicionadas pelo papel fundamental da equipa de cirurgia neonatal - Departamento de Cirurgia Pediátrica/Neonatal do HDE). De 23 Abril 1983 até 31 de Dezembro de 2016 foram tratados na UCIN do Hospital de Dona Estefânia 7.833 recém-nascidos dos quais 3.424 foram ventilados e 1.757 operados e 15,7% tinham peso ao nascer abaixo dos 1500g. Em 2016 a taxa de mortalidade global foi 4,6% (1,7% em 2015). De notar que, na maioria das vezes, os óbitos são de causa não evitável. Por seu lado, a mortalidade nos doentes operados desceu de 21,4% no decénio 1983-1992 para 12,9% entre 1993-2002 e 6,3% de 2003 a 2012. Entre 2013 e 2016 foram operados 305 doentes dos quais, 10 vieram a falecer – mortalidade 3,3%. A UCIN criou o segundo Ciclo de Estudos Especiais de Neonatologia do País em 1990 e foi o berço da realização e do ensino da ecografia transfontanelar em Portugal.

Nos difíceis tempos que atravessamos, de restrições económicas e de pessoal, de desorganização, desinvestimento e desencontros, merece ser destacado o elevado nível profissional, a dedicação, o espírito de equipa que sempre norteou a actividade dos profissionais desta UCIN.

Mecenas e Beneméritos: Fundação Calouste Gulbenkian, Chicco, Banco Português de Negócios, Portugal Telecom, Banco Espírito Santo, Fundação Vítor Baía, Banco Santander Totta, Comendador Rui Nabeiro, Dr. Rui Nunes, Rui Veloso, Dr. Miguel Agrela, Drª Rosa Pinhal, Alexandre Woolston, Margaret Woolston, João Pedro Pais, Joana Oliveira e Paulo Oliveira, Alda Resende, Ana Luísa Giro, Cristina Monteiro e Paulo Monteiro, Graça Cardão e António Pinho Cardão, Maria Filomena Soares Carvalho, GlaxoSmithKline, Milupa, Angelini, Siemens, MagnaMed, Nestlé, Sanotécnica, MeadJohnson, Vygon, Wyeth Lederle Portugal, Modalfa, Rádio Comercial, Brandkey, Clínica Gerações, Arboretto, Philips, IAVE e Dr. David Santos.

Fontes

1. Costa-Sacadura. Conferência. Dois Problemas de Assistência. O trabalho da mulher fora do Lar; Parto no domicílio ou nas maternidades. Lisboa, 1939
2. Amaral JMV. A Neonatologia no Mundo e em Portugal. Factos históricos. Lisboa: Ed. Angelini, 2004.

3. Amaral JMV. Aspectos da organização duma UCIN. Revista Portuguesa de Pediatria 1980;11: 210-232
4. Amaral JMV. Considerações sobre um estágio no Serviço de Neonatologia do Hospital La Paz/Universidade Autónoma de Madrid. O Médico 1980; 94: 296-309
5. Amaral JMV. Estágio na Unidade de Cuidados Intensivos Neonatais da Rosie Maternity/Addenbrooke's Hospital (Cambridge, UK). Boletim Pediátrico do HDE 1985; 1 (3): 5-15
6. Bragança G, Neto MT, Amaral JMV. Mortalidade Perinatal numa Maternidade de Lisboa. Arquivos do H.D. Estefânia 1990; 5: 151-158
7. Casuísticas anuais da URN de 1980 a 1996 (dados não publicados)
8. Casuísticas anuais da UCIN (dados não publicados)